

INSCRIÇÕES DISCURSIVAS: A ESCRITA DE CHICO XAVIER

Ângela Maria de Oliveira Lignani*

RESUMO:

O objetivo da pesquisa foi apresentar a escrita psicográfica de Francisco Cândido Xavier como um produto cultural inserido na contemporaneidade e como objeto pertencente a um campo interdisciplinar, em virtude das peculiaridades que envolvem este tipo de escrita.

PALAVRAS-CHAVE: *Francisco Cândido Xavier, características, escrita psicográfica, recepção, autoria, interdisciplinar, ideologia.*

Em 1932, no panorama literário nacional, surgiu o livro *Parnaso de Além Túmulo*, produzido pelo jovem Francisco Cândido Xavier, de Pedro Leopoldo. Seria mais uma publicação recebida como pastiche, não fosse a forma como foi apresentado o livro e sua repercussão entre os literatos da época. O inusitado era que, desde o primeiro momento, se colocava em questão a atribuição autoral, pois o responsável pelos textos se recusava como autor, atribuindo aos poetas mortos a autoria exclusiva dos textos. A recepção do livro, manifesta nos jornais da época, contou com as mais diversas posturas, a envolver desde o reconhecimento dos estilos dos autores, como foi o caso de Zeferino Brasil, poeta do Rio Grande do Sul, em artigo de 15.11.41 no "*Correio do Povo*":

Seja como for, o que é certo é que – ou as poesias em apreço são de fato dos autores citados e foram transmitidas do além ao médium que as psicografou, ou o Sr. Francisco Cândido Xavier é um poeta extraordinário, genial mesmo, capaz de produzir e imitar, assombrosamente, os maiores gênios da poesia universal... Em todas elas (nas poesias) se encontram patentes as belezas, o estilo, os arcos, as imagens próprias, os defeitos, o 'selo pessoal', enfim, dos nomes gloriosos que as assinam e vivem imortais na história literária do Brasil e Portugal. (Timponi, 1978: 69)

* Mestre em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Teoria da Literatura), 2000.

até a atribuição dos textos a uma ação demoníaca, como foi a opinião do crítico Mário Matos:

Aqui há um fenômeno estranho. Mas eu resolvo a complicação cá ao meu modo. Os espíritas o solucionam pelo deles. Para eles, é o Humberto de Campos quem está ditando as idéias. Para mim, é o Diabo. Sempre o Diabo as arma. Sua finalidade diabólica é a de confundir e apoquentar os homens. Para ele se disfarçar em Humberto, em Victor Hugo ou em Antero de Quental, é coisa fácilima. (Timponi, 1978: 333)

A opinião pública se manteve envolvida e dividida na recepção aos textos posteriores a *Parnaso de Além Túmulo*, principalmente com os cinco livros escritos por Chico Xavier que apresentavam a assinatura de Humberto de Campos, fato este que culminou com o processo movido pela família do escritor, em defesa dos direitos autorais *post mortem*. Viu-se a justiça diante do desafio de pronunciar-se sobre uma escrita em que os críticos reconheciam traços do estilo do grande cronista do início do século.

Não se pode negar que o interesse primeiro provocado pelo texto de Chico Xavier não estivesse diretamente ligado à forma de produção. Toda a curiosidade despertada por ocasião do lançamento de *Parnaso de Além-Túmulo* deve-se ao estranhamento provocado por uma escrita classificada como psicográfica, assimilável por um público espírita, mas estranha ao mundo literário-acadêmico.

Dessa forma, a escrita psicográfica se torna conhecida do público e identificada com um segmento religioso que vê nesse processo escritural o atestado da sobrevivência da alma. Nascido oficialmente em terras francesas, tal processo, inicialmente denominado "escrita automática", teve sua origem nas chamadas "mesas girantes", fenômeno explorado na vida social parisiense e em outras cortes européias, a partir do anos 50 do século passado. Além das brincadeiras e jogos humorísticos presentes nos jornais, houve interesse de grande número de intelectuais com certa repercussão até o surrealismo. As experiências mediúnicas a que tiveram acesso alguns companheiros de Breton, aliadas à descoberta do inconsciente, geraram a escrita automática surrealista que se distancia da escrita automática produzida em estado hipnótico ou sonambúlico. O termo era usado pelas sociedades ocultistas e por todos os grupos que faziam experimentações psíquicas. Alguns dos primeiros surrealistas

mantiveram contatos com as sociedades de estudos psíquicos. O depoimento "Entrée des médiums", no livro de Edmond Légoutière, *Le surréalisme*, é bastante elucidativo, nesse aspecto, ao informar sobre a iniciação espírita de René Crevel e Robert Desnos. Na tentativa de escapar às injunções críticas de toda ordem, os surrealistas se lançaram a experimentações que buscavam uma escrita primeira, totalmente livre. Essa prática revelou-se perigosa, pois, certa ocasião, Breton foi até obrigado a chamar um médico para despertar Desnos. A partir daí, Breton e os companheiros passam a mergulhar nos jogos surrealistas em que usavam toda sorte de atividades de livre associação, abandonando totalmente as experimentações hipnóticas e se fundamentando nos estudos sobre o inconsciente e os sonhos. (Légoutière, 1972: 110)

Ao pesquisar sobre as mesas girantes entre 1854 e 1857, o professor francês Léon Hyppolite Denizard Rivail, conhecido no meio espírita como Allan Kardec, desenvolve um método de escrita que consistia em se escrever numa ardósia com o auxílio de uma cesta chamada carrapeta. Esse instrumento era constituído por uma cesta de vime com um diâmetro de 15 a 20 centímetros. Um lápis era colocado passando pelo fundo dessa cesta, com a ponta de fora para baixo. Apoiava-se esta sobre uma folha de papel. O processo, que exigia a participação de duas pessoas, visava a excluir toda possibilidade de intromissão do médium. Só mais tarde o médium passou a usar sua própria mão para a escrita mediúnica. Se isto veio agilizar a escrita, também passou a deixar no ar a dúvida quanto à autoria do texto.

Com o advento dos estudos sobre o inconsciente do início do século e posteriormente com a parapsicologia, a escrita psicográfica passa a se inscrever diferentemente em cada um desses campos. Para o segmento espírita é vista como a possibilidade que a alma tem de se manifestar com o estilo que possuía em vida. Os estudos psicológicos a caracterizam como a manifestação do inconsciente e, finalmente, a parapsicologia vê nessa escrita a capacidade de captação da mente do sensitivo em relação às mentes que o cercam.

Com o brasileiro Francisco Cândido Xavier, vamos ter a maior produção deste gênero de escrita. Sua obra é formada por cerca de 400 livros, que apresentam estilos diversos. A produção traz romances, narrativas doutrinárias centradas num mundo real constantemente perpassado por um mundo espiritual, com obras de cunho

eminentemente doutrinário-científico, historietas e fábulas destinadas ao público infante-juvenil, poesias e cartas de pessoas mortas dirigidas aos familiares. Estas, ao apresentarem assinaturas e características caligráficas peculiares, suscitaram uma pesquisa sobre sua autenticidade, plausível de reconhecimento a partir da análise dos dados fornecidos nos textos e das assinaturas. Uma delas foi aceita como prova inocentadora num julgamento que envolveu a morte acidental de uma pessoa, fato divulgado pela mídia, na época.

A Grafoscopia, ciência que estuda os traços das letras, através do pesquisador Carlos Augusto Perandrêa, realizou estudos da parte gráfica de mensagens escritas por Chico Xavier, com um levantamento estatístico das assinaturas que as acompanhavam. Dentre todas que foram veiculadas pela mídia e pelos familiares, destacou-se a de Ilda Mascaro Saullo, escrita em italiano. Foi feito o cotejo entre o *corpus* da mensagem, assinatura psicográfica e a grafia dos documentos e cartas da pessoa identificada como verdadeira autora. A pesquisa recebeu parecer favorável para publicação na revista *Semina*, do Setor de Publicações Científicas e Tecnológicas da Universidade Estadual de Londrina, com a seguinte conclusão:

A mensagem psicografada por Francisco Cândido Xavier, em 22 de julho de 1978, atribuída a Ilda Mascaro Saullo, contém, conforme demonstração fotográfica (figs. 13 a 18), em "número" e em "qualidade", consideráveis e irrefutáveis características de gênese gráfica suficientes para a revelação e identificação de Ilda Mascaro Saullo como autora da mensagem questionada. Em menor número, constam, também, elementos de gênese gráfica, que coincidem com os existentes na escrita-padrão de Francisco Cândido Xavier. (Perandrêa, 1991: 56)

Nascido em 1910, natural de Pedro Leopoldo, assim como Willian Blake, desde os cinco anos de idade Chico Xavier dava notícia de fatos extraordinários, tais como a visão de sua mãe já morta. Seu pai o supôs louco porque o via conversar sozinho e a mostrar pessoas invisíveis para todos os outros. Sua primeira experiência de escrita diferenciada ocorreu quando ele disse ter sido ajudado numa redação da escola. Isso aconteceu em 1922, ocasião em que o Governo do Estado instituiu prêmios para os alunos da 4ª série primária. É ele que conta o que lhe sucede aos 12 anos no dia do concurso:

... Abertos os trabalhos [...]vi um homem, ao meu lado, ditando como eu deveria escrever. Assustei-me porque perguntei ao meu companheiro de banco, Alencar Assis, se ele estava vendo essa pessoa. Ele me disse não ver ninguém, e acrescentou que eu estava com medo da prova e que era preciso sossegar-me. O homem, contudo, me disse o primeiro trecho que eu deveria escrever, [...] pedi licença para levantar-me e fui ao estrado sobre o qual estava sentada a professora. [...] "Dona Rosária, perto de mim, na carteira, eu vejo um homem ditando o que devo escrever [...] Depois de escutar-me, perguntou [...] "O que é que esse homem está mandando você escrever?" [...] "Ele me disse que eu devo começar a prova, contando assim: "O Brasil, descoberto por Pedro Álvares Cabral, pode ser comparado ao mais precioso diamante do mundo que logo passou a ser engastado na Coroa Portuguesa..." Ela mostrou admiração no semblante, mas me falou em voz mais baixa ainda: "Volte, meu filho, para a sua carteira e escreva a sua prova. A sala está repleta de pessoas que nos observam e agora não é o momento de você ver pessoas que ninguém vê. Não acredite que esteja escutando estranhos. Você está ouvindo você mesmo. Dê atenção ao seu pensamento. Cuide de sua obrigação e não fale mais nisso." Voltei e escrevi o que o espírito ditava, porque eu eu escrevia ou desobedecia a ela, a quem respeitava e amava muito. (Barbosa, 1992: 15)

Chico ganha o concurso e pairou a suspeita de que ele houvesse copiado a redação de algum livro. A professora acreditava nele, mas os colegas estavam divididos e o chamavam de mentiroso. Um dia acontece novo desafio:

... um colega afirmou que se eu vira um homem do outro mundo, ditando prova, pela qual fora premiado, era natural que eu visse esse homem, outra vez, ali mesmo e naquela hora, ao lado de todos, para escrever sobre algum assunto que a própria classe viesse a apresentar. Nesse justo instante, tornei a ver o homem que os outros não viam e comuniquei à professora que ele dizia estar pronto para escrever. Dona Rosária Laranjeira hesitou [...], os meus colegas pediram em voz alta para que eu atendesse. A professora, então, me permitiu ir ao quadro negro [...]. "Qual é o tema para Chico", perguntou um dos meninos. Uma nossa colega de nome Ocarlina Leroy lembrou: "Gostaria que o tema fosse areia, porque tenho carregado muita areia para auxiliar uma pequena construção de meu pai." Todos os meninos riram-se da lembrança [...]. Alguns fizeram piadas, mas o pedido de Ocarlina foi sustentado. Eu devia escrever uma composição usando giz no quadro negro, sobre areia. Lembro-me de que o espírito amigo ali, ao meu lado, começou ditando: "Meus filhos, ninguém escarneça da criação. O grão de areia é quase nada, mas parece um estrela pequenina refletindo o sol de Deus..." A composição foi escrita com muitas idéias que eu seria incapaz de conceber nos meus doze anos de idade. Os meninos ficaram em silêncio, por alguns instantes, e quando voltaram a conversar, a nossa professora determinou o encerramento do assunto. Daí em diante, Dona Rosária proibiu qualquer comentário na classe sobre pessoas invisíveis. (Barbosa, 1992: 16-17)

Mais tarde, ao começar sua produção dita literária, Chico Xavier, então contando menos de 20 anos, assinou alguns poemas, que, enviados por seu irmão para o Rio, foram publicados em revistas na época. Foram os únicos textos que levaram sua assinatura. Ao se imbuir da teoria espírita, Chico Xavier recusa-se como autor, transferindo a enunciação para um espaço extra-físico, o que passou a caracterizar sua escrita. Do ponto de vista teórico, todos os textos se caracterizam pela presença desse terceiro elemento que se agrega à relação clássica autor/narrador, assumindo a enunciação discursiva seja de qual caráter for o texto. Tal como a assinatura por pseudônimo, que, ao efetuar um corte entre quem produz o discurso e quem o assume, constrói a identidade de um sujeito que só tem existência na e pela instituição literária, com o advento da teoria espírita, temos a categoria de um autor-modelo, cuja existência situa-se no "além". Essas assinaturas por pseudônimo, no campo da teoria da literatura, e as assinaturas dos diversos autores-modelo que caracterizam a obra de Chico Xavier, executam o mesmo movimento, envolvendo juntamente uma questão de apropriação de escritas e estilos. A questão da autoria, então, se desloca de um único sujeito físico para uma multiplicidade de sujeitos enunciadorees. Se o autor é Chico Xavier, ou sua personalidade desdobrada, ou algo ainda não definível, continuamos contando com a categoria autoral, pois ela permite que os textos se agrupem segundo estilos que envolvem a escolha de assuntos, linguagem, forma, submetidos a padrões de um registro culto e literário, tendo em vista o diálogo que os textos estabelecem com os valores que presidem a constituição dos gêneros.

Assim, ao escrever para um público infanto-juvenil, embora a preocupação fundamental seja pedagógica, o texto dialoga com os componentes do imaginário infanto-juvenil, em que suas fábulas, lendas e apólogos usam uma galeria de personagens que vão desde a Gota d'água, o Raio de Luz, a Abelha, o barro, até príncipes e monarcas. A figura dos três homens (príncipes e irmãos) torna-se recorrente em alguns trechos, interagindo com histórias conhecidas pelas crianças.

Suas crônicas, poesias e romances, ao serem submetidos a uma análise teórica, refletem a preocupação no fazer formal também aliada ao objetivo pedagógico que perpassa toda a obra. No projeto romance, identificado em cinco volumes no conjunto de sua produção, tem-se o percurso do Cristianismo nascente, construído

através do romance histórico. Embora, nos romances, a ordem cronológica dos períodos que retratam não coincida com a ordem de publicação, eles estão agrupados da seguinte forma: *Há dois mil anos...*, *50 anos depois* e *Ave Cristo* que têm como subtítulos, respectivamente – *Episódios Históricos do Cristianismo no século I, II e III*. E em *Paulo e Estevão* o subtítulo: *Episódios do Cristianismo Primitivo*. Só *Renúncia* encontra-se num espaço histórico deslocado dos demais, mas retratando o período conturbado que envolveu a instalação do Santo Ofício, a reforma protestante, as perseguições, a Companhia de Jesus.

Em todos os romances constata-se a característica do gênero apontada por Ian Watt, no seu estudo sobre o nascimento do texto romanesco, quando as grandes narrativas clássicas são substituídas pela história pormenorizada do indivíduo, em que a verossimilhança passa a garantir uma recepção diferenciada, permitindo que o novo gênero pouco a pouco se afirme perante um público crescente.

Dessa forma, na escrita psicográfica romanesca de Chico Xavier detecta-se a trajetória individual dos personagens, entremeada à trajetória histórica da instalação do Cristianismo. Ao lado dos protagonistas, com as marcas individualizadoras de seus percursos, desfilam os Imperadores cujas características se apoiam no discurso histórico, fechando-se o círculo dos romances no processo da Inquisição, no século XVI.

O fio condutor ideológico de toda a obra de Chico Xavier, ao mesclar o discurso religioso, o científico-doutrinário às construções de gêneros institucionalizadas, constrói um tipo específico de texto, cuja análise permite perceber uma arquitetura interessada em conquistar o leitor para um processo de interação que incentiva o crescimento individual, assim como convida para uma intervenção positiva no mundo, ao ter seu discurso ideológico estruturante caracterizado por seu caráter essencialmente cristão.

Quanto ao processo de produção, insere-se a obra em um campo que tangencia o domínio científico, se revelando, assim, como fenômeno textual ou discursivo verdadeiramente interdisciplinar, tendo em vista não se terem esgotado as explicações para a psicografia em si.

À parte a questão fenomênica, o texto de Chico Xavier se integra na modernidade, no sentido em que procura uma interferência no mundo e a provocação de mudanças, característica esta pontuada, de modo exemplar, por Octavio Paz. Assim, pode-se reconhecer nele valores próximos de determinadas obras que, em alguns momentos, foram produzidas pela literatura universal. Vale lembrar Daniel Defoe e seu mais conhecido personagem: Crusoe é um herói cujo cotidiano mental e moral é partilhado, pela primeira vez na ficção com o leitor. O puritanismo e sua proposta moral levaram Defoe a dar importância tanto ao aspecto prático, quanto ao aspecto espiritual, vendo-se estimulado a tratar literariamente dessa preocupação com rigorosa fidelidade. Outras produções ainda mais centradas no intenso "fazer" em termos artísticos, se preocuparam também com o caráter formador que a literatura pode assumir.

Para Otavio Paz, a poesia é fonte de inspiração visionária e religiosa que nos dá o poema, cuja força deve influenciar a vida prática. O poema traz na sua harmonia, na sua capacidade de apaziguamento de opostos, o exemplo para a humanidade. A poesia é a vacina contra a massificação progressiva. Ela assume o lugar da religião. Uma sociedade sem poesia vai se tornar pouco a pouco insensível, mutilada no seu relacionamento com o mundo.

A seu turno, o texto de Chico Xavier, ao contrapor-se aos sentimentos de angústia, mal estar e à sensação de desterritorialização que acentuam o estágio da civilização atual, quer acordar o positivo e sobretudo, fazer com que a capacidade de ação do indivíduo se expanda de maneira contínua. Em uma de suas últimas entrevistas, Chico Xavier considera o trabalho concluído, numa voz quase inaudível: "A obra está feita, o que eu tinha que fazer está feito". Sua obra manter-se-á à disposição de possíveis análises, como objeto cultural inserido na rede de representações do seu tempo, um produto híbrido cuja relação com a literatura acaba por construir novos espaços significativos.

ABSTRACT

The aim of this research is to present the psychographic writings of Francisco Cândido Xavier as a cultural product introduced in the contemporaneity and as the object of an interdisciplinary field due to the peculiarities involved in this type of writing.

KEY WORDS: *Francisco Cândido Xavier, psychographic writings, characteristics, reception, authorship, interdisciplinary, ideology.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Elias. *No Mundo de Chico Xavier*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1992.
- XAVIER, Francisco Cândido. *Parnaso de Além Túmulo*. 11. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1982.
- _____. *Há dois mil anos*. 15. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1980.
- _____. *50 anos depois*. 10. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1976.
- _____. *Paulo e Estevão*. 16. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1980.
- _____. *Renúncia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1963.
- _____. *Ave Cristo*. 14. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1995.
- LÉGOUTIÈRE, Edmond. *Le Surréalisme*. Paris: Masson et Cie, 1972.
- PAZ, Octavio. *A outra voz*. São Paulo: Editora Siciliano, 1993.
- PERANDRÉA, Carlos Augusto. *A psicografia à luz da grafoscopia*. São Paulo: Editora Jornalística Fê, 1991.
- TIMPONI, Miguel. *A psicografia ante os tribunais*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1978.
- WATT, Ian. *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.